

## A Situação Atual do Homem e o Conflito dos Humanismos

Nossa época se caracteriza, ao nível do conhecimento filosófico, por uma preocupação crescente com o homem e o humanismo. É curioso constatar a inexistência entre os grandes pensadores medievais e modernos de escritos com o título "Sobre o Homem". Na atualidade, porém, há uma verdadeira inflação de livros sobre a pessoa, o homem, o lugar do homem no mundo, o indivíduo e os humanismos. Além disto, o mesmo tema aparece sob outros títulos como "O Ser e o Tempo", de Heidegger, "O Ser e o Nada", de Sartre, "O Formalismo na Ética e a Ética Material dos Valores", de Scheler, e assim por diante. Todos estes tratados incluem uma teoria sobre o homem.

Considerações humanísticas encontramos igualmente nos livros de psicanálise, nas filosofias da linguagem e na filosofia da ciência.

Este interesse pelo homem e pelo humanismo manifesta-se também em outros níveis, diversos do discurso filosófico. Propugna-se por uma economia humana, pelo humanismo jurídico, por uma pedagogia

humanista, por uma tecnologia e burocracia humanizadas pela humanização dos centros urbanos, por uma ecologia humana.

As ciências humanas assumem um papel cada vez mais importante na sociedade contemporânea. Aliás, o próprio nascimento das ciências humanas é um dos sintomas que mais claramente manifesta a problemática humanista do nosso tempo.

Em vista desse interesse pelas dimensões humanas no nosso mundo, o Humanismo constitui hoje na filosofia um tema central. Assim, no XIV Congresso Internacional de Filosofia, realizado em Viena em 1968 com quase cinco mil participantes, o tema central foi "O Homem hoje ameaçado". Este mesmo tema — O Homem — preocupou o XV Congresso Internacional de Filosofia. No Brasil, a "Primeira Semana Internacional de Filosofia", realizada em julho de 1972 em São Paulo, teve como tema de estudo "O Humanismo Pluridimensional".

Estes e outros congressos filosóficos recentes, bem como as publicações no campo filosófico, revelam por sua vez a grande variedade de correntes humanísticas. Todos estes humanismos pretendem indicar caminhos de respeito, de libertação e de promoção do homem.

Temos, por exemplo, um "humanismo existencialista", um "humanismo marxista" e "cristão". Um "humanismo vitalista", um "humanismo do trabalho", um "humanismo científico", "tecnológico" e "intelectual".

A nossa época realmente é fecunda em proposições humanísticas. Contudo a impressão que temos é que estas proposições se encontram num estado de perplexidade e de desorientação. Em sua relação mútua encontram-se em conflito, pois querendo o respeito pela dignidade humana, a libertação e a promoção do homem, contudo não existe clareza e acordo sobre o que seja dignidade humana, o que se entenda por libertação e promoção do homem. Dali o motivo óbvio do conflito em que se encontram os humanismos.

Todos os humanismos giram em torno do homem. Querem o seu desenvolvimento. Estão em conflito por causa deste homem. Antes de entrarmos no mérito de alguns destes humanismos e verificarmos as suas ideologias em relação à promoção do homem, o que os leva a conflitos, perguntemos pela situação atual do homem.

## I. SITUAÇÃO ATUAL DO HOMEM

O homem de hoje criou uma situação para si que ele mesmo parece não poder mais dominar. O mundo-máquina, o homem-máquina, esta é a verdadeira imagem que acompanha o homem contemporâneo. Qualquer interesse humanístico por este homem está determinado pelo novo meio-ambiente que o envolve.

O homem atual está cada vez mais rodeado por suas próprias obras, por suas organizações e técnicas. Grande parte da humanidade atual deve a sua existência à medicina moderna e não mais à natureza como em tempos passados. Outra parte desta mesma humanidade sucumbe em guerras desumanas, ou através de opressões políticas e econômicas. A vida dos homens depende cada vez mais daquilo que eles próprios fizeram ou deixaram de fazer, daquilo que a sociedade organizada oferece e exige, das decisões políticas e das alterações de mercado.

Com a ajuda da ciência e da técnica o homem contemporâneo pode, pela primeira vez na história, pretender libertar-se da tirania da natureza. Mas nesta tentativa de libertação dos condicionamentos naturais este mesmo homem entra numa outra área de domínio e de tirania: na dependência de suas próprias obras e instituições. Na medida em que desaparece a ontocracia da natureza, surgem tecnocracias e burocracias que, com o mesmo poder oculto e anônimo como o fazia a natureza anteriormente, subjagam o homem. Embora ainda existam catástrofes naturais suficientes, o homem de hoje, contudo, teme mais as catástrofes sociais. E embora existam ainda suficientes doenças naturais, tememos, porém, mais as modernas doenças da civilização. Nas sociedades mais desenvolvidas as crianças participam cada vez menos da morte dos antepassados, mas sentem mais vezes a morte violenta de seus colegas no trânsito.

O progresso dos meios de comunicação social cria no homem de hoje uma nova consciência coletiva. Participamos da dor e da alegria de homens muito distantes de nós. Participamos da cultura, da política e da economia de outros povos. Nasce assim também uma nova consciência de solidariedade. Os mais distantes se tornam próximos, mesmo que os próximos se tornem os grandes desconhecidos. Percebemo-nos participando de um grande todo. Esta nossa consciência solidária, contudo, ainda não chegou a humanizar-se suficientemente. Através dos periódicos e da televisão participamos das lutas raciais, das catástrofes, das revoluções. Não nos é, porém, possível intervir nestes fatos como deveríamos ou gostaríamos. Cada um de nós conhece, sem dúvida,

mais miséria do que pode remediar, pois as possibilidades de engajamento ativo são muito limitadas.

A vida do homem politiza-se cada vez mais, mas nem por isso a política se torna mais humana.

O palco em que se desenrola o drama da humanidade tornou-se hoje tremendamente problemático. Nenhuma época acumulou, como a nossa, conhecimentos tão numerosos e tão diversos sobre o homem, mas a nenhuma época pareceu ele tão misterioso como à nossa. Diante desta problemática, criada em grande parte pela nova situação histórica e pelo novo meio-ambiente em que o homem vive, é absolutamente necessário perguntar pelos aspectos humanos desse mundo criado pelo próprio homem.

Observando a industrialização do mundo moderno, verificamos que grande parte da humanidade acredita cegamente no progresso. Equipara-se o progresso tecnológico com o progresso humano. Aceita-se que o homem realize tudo o que consegue realizar pela técnica. Acredita-se que a máxima eficiência tecnológica, que o crescimento econômico sem limites e que o crescimento do poder tecnológico e político sejam valores humanos em si. "Produzir mais — para consumir mais" — este é o princípio que sustenta o nosso progresso. Isto tem o seu sentido quando as necessidades e os desejos do homem são maiores do que os meios para satisfazê-los. Mas nas sociedades com superabundância de bens os princípios de tal "credo" se tornam desumanos.

Do sentimento de impotência perante uma tecnologia, muitas vezes, desumana nascem animosidades contra a técnica. O deus-máquina, que a todos prometia tudo, assume feições de perigoso demônio, ameaçando levar tudo à destruição. Para evitar que a técnica escravize o homem será necessário aprender a controlar este "anjo mau" com sabedoria. Com tal sabedoria será possível superar o fascínio da técnica, que transtorna e desorienta a muitos espíritos. Com o espírito obnubilado pelo fascínio tecnológico ninguém chegará a humanizar a sociedade tecnocrata.

Muitos dos que esperavam da tecnização do mundo o céu da auto-realização já se decepcionaram e perceberam que a nova sociedade tecnocrata de fato pode tornar-se o inferno da auto-alienação.

Ante uma série de frustrações megalomaniacas de super-homem, de astronauta, de rei do universo, o homem comum volta a ter saudade duma vida simplesmente humana. Quer ser simplesmente homem num mundo humanizado. Já não aspira aos graus de super-homem, nem tolera condições infra-humanas.

O progresso material tem os seus dois lados. Ao lado dos grandes benefícios, desperta também inúmeros problemas desumanizantes.

Os grandes centros urbanos tornam-se desumanos porque não conseguem absorver o afluxo populacional do interior. O ar se polui, a água se corrompe, o trânsito se torna insuportável. Faltam habitações, a saúde está em contínuo perigo, aumenta a criminalidade, cresce o número de marginais.

Esta situação não é apenas regional ou ocasional. Onde quer que se chegue encontramos os mesmos fenômenos, quer seja em Leningrado, Melbourne, Tóquio, Nova Iorque, Paris, Rio de Janeiro, São Paulo, Buenos Aires ou Porto Alegre.

O mais trágico neste quadro é que ninguém em particular se sente responsável pela situação.

*Em resumo* poderíamos dizer que o homem atual se encontra numa sociedade que está cada vez mais rica, maior e com melhores capacidades de realização do bem-estar. Mas ao mesmo tempo está envolvido por uma sociedade que desperdiça sempre mais bens, que baseia a sua subsistência nos instrumentos de morticínio e de destruição. Uma sociedade em que o homem está em segundo plano.

A frieza da tecnocracia se espalha cada vez mais por sobre um mundo humano com muitas necessidades, dor, pobreza, miséria, violências e crueldades.

Se quisermos permanecer objetivos na avaliação do progresso é necessário ter presentes os dois aspectos deste progresso. É certo, ele nos liberta de muitas dependências, mas produz novas escravidões. Os aliciamentos propagandísticos criam necessidades artificiais para o homem. Com uma locomoção mais veloz leva-se o homem a uma agitação cada vez maior. Temos uma medicina altamente sofisticada, e ao lado dela o aumento das doenças psíquicas. A vida média das pessoas aumentou muito, mas um número cada vez maior de pessoas não encontra mais sentido na vida. Com o crescer do bem-estar aumenta paralelamente a criminalidade. Enquanto dominamos a natureza, ao mesmo tempo a destruímos. O aperfeiçoamento funcional dos meios de comunicação social traz o empobrecimento da linguagem e possibilita a doutrinação e a manipulação das pessoas em grande estilo. Quanto mais refinadas as técnicas, tanto mais refinadas se tornam as possibilidades de manipulação do homem.

Esta rápida e deficiente análise da situação atual do homem nos demonstra que as forças de destruição desse mesmo homem estão ativas. Por outro lado, contudo, constatamos também que o

homem na sua história nunca teve tantas chances de se valorizar e desenvolver como hoje. Em outras palavras, o homem na sua história nunca teve tantas possibilidades de humanizar o seu ambiente existencial como na nossa época. Para isto, porém, teria que conscientizar-se sobre o que significa "humanizar". As diferentes doutrinas humanísticas tentam promover a humanização do homem. E quando o tentam, não poucas vezes entram em conflito. Vejamos por que.

## II. O CONFLITO DOS HUMANISMOS

Perante o conhecimento que temos das estrelas, as próprias estrelas permanecem indiferentes. O conhecimento do homem, porém, não fica sem conseqüências: revoluciona a realidade em que vive.

Quando pesquisamos as culturas, temos a impressão de que o homem vem emergindo dum profundo sono cósmico. Adquire aos poucos um autoconhecimento de sua dignidade. Mas uma vez adquirida a consciência de seu valor o homem elabora modelos e doutrinas que possam garantir na prática o respeito ao que sabe de si mesmo. Estas doutrinas resultam nos diferentes humanismos. Como o espírito humano e a realidade humana até hoje não se tornaram totalmente transparentes ao homem, e talvez jamais se tornarão totalmente translúcidas, permanecendo o homem o seu maior desconhecido, as doutrinas humanísticas obviamente só poderão retratar em sentido parcial o que significa dignidade humana, libertação e promoção do homem. Quando tentam ser resposta para a realidade global transformam-se automaticamente em ideologias. E ideologias facilmente se esfregam. Entram em conflito. Dali podemos concluir, a partir dos conflitos em que se encontram os humanismos na atualidade, para a carga ideológica que os marca.

Sigamos um pouco o progressivo acordar humanístico da humanidade.

### 1. *O Humanismo Antigo*

O termo "humanismo" remonta ao uso dado nos últimos tempos do Império Romano à palavra "humanus", com a qual se caracterizava o cidadão romano (*homo romanus*) em contraste com o bárbaro (*homo barbarus*). Os romanos se consideravam mais cultos do que os outros povos. Esta superioridade consistia no fato de eles se terem apropriado do ideal cultural dos gregos.

A *paideia* dos gregos passou a ser a *humanitas* dos romanos. Segundo Cícero esta *humanitas* significa erudição e cultura, comportamento correto e dignidade.

Como os gregos e os romanos eram os cultos, e os outros povos os bárbaros, inicialmente o "ser homem" era igual a "ser grego" ou "ser romano". A idéia humanística de que gregos, romanos e bárbaros possuíam elementos humanitários comuns é relativamente recente na história da humanidade.

Foram os sofistas que no mundo antigo por primeiro propagaram a idéia da igualdade de todos os homens entre si, em vista da natureza humana comum, mostrando que é mais importante acentuar os elementos comuns entre os seres humanos do que as suas diferenças históricas e culturais. Cícero contrapôs ao velho ideal do "homem romano" o novo ideal do "homem humano". Este deve ser espiritualmente culto e moralmente honesto. O homem honesto segue a sã razão e observa a lei natural. Essa lei é a mesma em Roma e em Atenas, hoje e amanhã. É esta única e mesma lei que rege todas as nações e em todos os tempos. E em nome desta lei todos os homens são iguais.

"Não existe, ensinava Crisipo, um homem naturalmente escravo... Gregos e bárbaros, nobres e plebeus, ricos e pobres, escravos e homens livres, são todos iguais. A única diferença verdadeira é a que separa o sábio do insensato. Da grande cidade do mundo, deuses e homens são cidadãos, e essa cidade é regulada somente pela reta razão. Sua lei é a mesma para todos, qualquer que seja o poder político de que sejam súditos..."

Igualmente de todos os homens e cidadania universal são as características mais marcantes do humanismo estóico. Os estóicos tornavam-se assim legítimos herdeiros do ideal humanista grego que queria um homem correto e sem falha nas mãos, nos pés e no espírito, com uma educação de acordo com a verdadeira forma humana, de acordo com seu autêntico ser.

Infelizmente, o direito romano demorou em assimilar esses conceitos e torná-los operativos. Diante da lei romana, o escravo não tinha direito algum, porque era considerado um "homem sem pessoa", uma simples coisa ou propriedade. Os donos tinham sobre ele todos os poderes. Podiam prendê-lo, espancá-lo, estuprá-lo e matá-lo. Só aos poucos criou-se uma mentalidade e praxe mais humanas. Contudo, a lei romana e a filosofia grega nunca chegaram ao reconhecimento prático total da igualdade de todos os homens.

Interessante é que ainda 1800 anos depois de terem surgido as idéias de igualdade, o homem ocidental continuou escravizando os

seus semelhantes. E desta história negra também a nossa Pátria participa.

Como se explica isso?

Talvez as teorias de Rousseau e de Hobbes nos aproximem duma explicação.

## 2. *Jean-Jacques Rousseau (1712-1778)*

*Thomas Hobbes (1588-1679)*

Para Rousseau o homem é bom por natureza. Repugna-lhe naturalmente a crueldade e a violência. Por isso, quanto mais perto da natureza o homem se encontra, tanto mais humano será. A sociedade e a civilização o perverteram. Só o restabelecimento da situação "paradisiaca" do homem primitivo, poderia levar a humanidade a ser mais humana. De volta ao estado da natureza humana não corrompida, o homem voltaria a ser todo bondade. Voltaria a ser o "bom selvagem".

A teoria humanista de Rousseau já tinha a sua contraposição em Hobbes. Segundo a posição de Hobbes, o homem vis-à-vis ao homem é um "lobo", um "animal de rapina", um ser empenhado, desde a sua origem, numa guerra de "todos contra todos". Teoria muito bem caracterizada naquela frase clássica que estamos acostumados a repetir: "O homem é o lobo do próprio homem" (*homo homini lupus*).

As teorias de Rousseau e de Hobbes são simplicismos. Retratam unilateralmente a realidade humana. Na realidade, porém, tanto Hobbes como Rousseau conseguem fundamentar a sua teoria em exemplos concretos. Ambos, portanto, até certo ponto têm razão. Isto nos mostra a complexidade da natureza humana, encontrando-se nesta mesma natureza o fundamento para as tensões existenciais que por um lado tendem a degradar na mais crassa barbárie desumana, por outro também são capazes de promover a cultura e desenvolver as qualidades humanitárias.

Considerando estes dois aspectos antagônicos da realidade humana, podemos compreender por que as idéias humanísticas querem ser transpostas para a práxis.

A consciência humanística, no entanto, uma vez despertada não morre mais. Ela pode ser reprimida, mas continua a fervilhar nos corações dos homens. Isto também aconteceu com as idéias humanistas dos antigos. Muitas vezes reprimidas e desrespeitadas durante a Idade Média, despertaram com tanto mais intensidade no Renascimento.

### 3. O Humanismo da Renascença

Pico Della Mirandola na sua "Oração sobre a Dignidade Humana", que é considerada o "Manifesto do Humanismo e do Renascimento", nos diz: "Li em obras árabes que neste mundo nada se pode encontrar mais digno de admiração que o homem". Os humanistas do Renascimento querem engajar-se por este homem, pois nele vêem a suprema dignidade aqui na terra. E juntamente com o interesse pelas obras dos antigos despertou um forte desejo de valorizar o homem. Era uma vontade de ser totalmente humano. O homem tornava-se novamente a "medida de todas as coisas", como já Pitágoras havia dito. Criou-se confiança neste homem, considerando-o não mais mero espectador do Universo, mas co-criador e forjador dele: é o próprio homem que deve modificar, melhorar e recriar o universo. Enquanto todos os outros seres têm uma natureza determinada, que os especifica, condiciona e limita, o homem está liberto de uma natureza determinante. Ele mesmo cria a sua natureza. Ele é autor e projeto de si mesmo. Promoveu-se assim a auto-suficiência e a auto-consciência dos indivíduos, procurando libertá-los das formas de vida e das estruturas medievais. Exaltavam-se especialmente os valores de beleza, força, harmonia, virtude, arte, heroísmo, genialidade etc...

Este humanismo baseado em valores greco-romanos teve um novo surto, na época do romantismo, na Alemanha com Herder, Goethe, Guilherme von Humboldt (1767-1835) e outros. Tal Neo-humanismo queria o desenvolvimento e a formação harmônica da personalidade. Estimava-se especialmente a aprendizagem das línguas antigas e a formação artística. Não se dava grande valor às ciências naturais e aos conhecimentos técnicos e mecânicos. Esse tipo de formação se tornou modelo para os ginásios humanístico-clássicos, que perduram quase até aos nossos dias.

O humanismo no seu sentido clássico, assim como ele se apresenta na Renascença e no Neo-humanismo do séc. XIX, tem as características dum sistema educacional, que tem como fundamento e fonte a cultura antiga e que, naturalmente, não tinha noções da técnica moderna. Os assim chamados "estudos humanísticos" tinham a finalidade de formar o estilo "humanista" de falar, de escrever e de viver. Acentuava-se o belo e o harmônico na humanidade. Procurava-se a harmonia entre o homem e o mundo. Respeitando estes valores, pensava-se que a dignidade humana estaria salva. Esta dignidade acontece, porém, em primeiro lugar no caráter humano, na reta razão, na vontade e nos valores do espírito. Portanto no homem interior. Neste sentido, todo humanismo clássico apresenta estas três características básicas:

- Espírito crítico
- Auto-reflexão
- Distância do mundo exterior.

Aqui é necessário perguntar a que levou o Humanismo da Renascença.

Ele foi sem dúvida a semente que desabrochou no Iluminismo, a partir do qual nasceram os “direitos universais do homem”, que foram inseridos nas constituições dos países modernos. Mas mesmo quando os “direitos humanos” já haviam sido formulados isto ainda não significava a existência real do homem humanizado. Mostravam antes de tudo a exigência de que se formasse um mundo mais humano, a esperança por uma terra humanizada. Desde o Iluminismo, por isso, a “humanitas” já não é mais uma simples constatação de uma característica da espécie humana, mas um sinal de esperança. E essa esperança num mundo mais humano é a força motora que conserva a vida de muitos povos.

Mas não foi apenas a ideologia humanística da Renascença ou dos Antigos que resultou na formulação e nas tentativas de aplicação dos “direitos humanos”.

Embora a antiga Roma admitisse a filosofia estoíca sobre a igualdade de todos os homens, conservava paralelamente a mais crassa escravidão.

Embora na Renascença se pretendesse a valorização e a dignificação do homem, os servos continuavam a se ajoelhar diante de seus senhores. Poucos privilegiados usufruíam dum mundo ilusoriamente mais humano. Paralelamente ao crescer das idéias humanísticas na Europa, estes mesmos europeus praticavam grandes injustiças e crueldades contra seres humanos nas colônias da América e em outras partes do globo.

O humanismo da Renascença era individualista, elitário e discriminatório. As massas populares foram pouco atingidas por seus sinais de humanização. As bruxas continuaram sendo queimadas até o séc. XVIII, a escravidão perdurou até o séc. XIX, e a semi-escravidão continua, em muitas regiões da terra, até os nossos dias.

Qual é então o mecanismo histórico necessário para que as filosofias humanísticas criem força e se imponham na prática? Aqui só podemos argumentar com fatos passados. E como são fatos passados, a minha tese, num primeiro momento, só é válida para a história do passado.

Por estranho que pareça, as filosofias humanísticas para serem respeitadas e se tornarem operativas se coligaram a mecanismos

de força. E neste processo de humanização ocorreram fatos extremamente desumanos. Para que os direitos humanos pudessem ser juridicamente garantidos foi necessária a Revolução Francesa. Embora os Estados Unidos incluíssem na sua primeira constituição (4.7.1776) a "Declaração dos Direitos Humanos", foi necessária a Guerra da Secessão para que os americanos deixassem de escravizar o negro. Em muitas partes da terra, só após conflitos violentos se admite uma certa igualdade racial. Os indivíduos instalados dificilmente renunciam a seus privilégios. O acúmulo de privilégios, com o tempo, tem efeitos desumanizantes. Dali a necessidade da pressão coletiva para que o indivíduo seja reconduzido a um caminhar humanizante.

Mas, mesmo com esta força coligada às filosofias humanísticas muitos aspectos desumanos da sociedade não desapareceram. Faltava, por exemplo, humanizar o ambiente de trabalho a partir da primeira Revolução Industrial. E na procura de elementos humanizantes para a massa de trabalhadores, a filosofia viu que muitas das colocações do humanismo clássico não eram mais suficientes. Não bastava formar gênios, desenvolver as qualidades individuais e acentuar os aspectos belos da vida. A dignidade humana não se resumia ao bem-estar individual. Tornara-se urgente fazer novas colocações humanísticas.

#### 4. O "Humanismo Comunitário" de Feuerbach (1804-1872)

Quando analisamos a intercomunicação dos homens, constatamos que a evolução histórica leva o homem a uma crescente politização do seu pensamento e comportamento. Isto é, a uma consciência de que o comportamento do homem individual deve ser visto sempre em sua relação com toda a sociedade, em seu condicionamento a esse todo social e em seu significado para ele. Feuerbach intuiu este fenômeno e o explicitou no seu "Humanismo Comunitário".

Segundo Feuerbach o homem não pode ser considerado uma mônada isolada em si mesma, pois ele se manifesta essencialmente aberto para a totalidade humana. Dessa totalidade cada ser humano recebe a sua individualidade e a sua abertura interior. Feuerbach sabe que o indivíduo concreto nem sempre está consciente da contínua fecundação de seu ser e das suas qualidades pelo gênero humano no qual vive imerso. Mas está claro que o homem se distingue justamente do animal por ter consciência da espécie na superação da própria individualidade. Para Feuerbach as idéias surgem por meio da comunicação, no diálogo do homem com os homens. Não chegamos aos conceitos da razão por nós mesmos,

mas pela intercomunicação com os outros. Daí Feuerbach encontrar a essência do homem na comunidade, na união do homem com o homem. Este elemento comunitário se torna assim o supremo e último princípio da filosofia. De modo que a valorização e o desenvolvimento do homem só poderá acontecer à base dum "humanismo comunitário", em que o indivíduo como indivíduo se reconhecerá e se sentirá limitado, pois a sua perfeição só existirá na perfeição do todo social em que vive.

Segundo estes curtos elementos da filosofia de Feuerbach, podemos concluir que para ele a humanização só existe na medida em que aumenta o espírito comunitário entre os homens. Assim que a legitimidade de uma doutrina humanística deveria ser medida pela contribuição que presta ao processo de "politização" do pensamento e comportamento humano, no sentido acima exposto.

### 5. O "Humanismo Real" de Marx

O "humanismo socialista" deve ser visto em seguimento ao "humanismo comunitário" de Feuerbach. Para Marx a concretização do "humanismo socialista" seria a realização dos desejos de todos os humanismos do passado, tanto dos humanismos filosóficos, como dos humanismos burgueses. Todos eles aspirando para que ao homem fosse dado, e entre os homens surgisse finalmente o "reino do homem".

O inspirador de Marx, sem dúvida, foi Hegel, que descobrira a condição dramática do homem como ser alienado, quer dizer, como ser cuja essência dele se desprende, se torna alheia a ele, se distancia e se volta contra ele como sua negação objetiva. Hegel também previra a desalienação do homem num processo de reconquista da essência humana mediante o mecanismo da negação da negação.

Marx renunciava que o término da exploração do homem pelo homem e a conseqüente libertação do homem de suas alienações só ocorreria através da ação revolucionária. Esta se manifestaria, numa primeira fase histórica, pela luta de classes. Assim que a primeira fase do "humanismo real" de Marx seria um "humanismo de classe": o "humanismo proletário". Neste "humanismo", fim da exploração do homem queria dizer: fim da exploração de classe; libertação do homem significava: libertação da classe operária através da ditadura do proletariado.

De fato, antes de a União Soviética exprimir o seu "humanismo" em "humanismo socialista", que admite ser a herança de Karl Marx, exprimiu-se por mais de 40 anos em termos de ditadura

de classe. Agora, porém, se proclama que a ditadura do proletariado já passou e que a União Soviética entrou numa segunda fase histórica, em relação à qual os soviéticos dizem: as classes antagônicas desapareceram, a ditadura do proletariado cumpriu a sua função, o Estado já não é um Estado de classe, mas um Estado de todo povo (de cada um). Proclamam que ao "humanismo de classe" sucedeu-se um "humanismo socialista" da pessoa, onde se quer a liberdade do indivíduo, o respeito pela legalidade e pela dignidade da pessoa. Nos partidos operários, de fato, se celebram as realizações do humanismo socialista. Os soviéticos procuram fundamentar esta nova situação humanística no "Capital" de Marx e principalmente nas obras do jovem Marx.

De fato, na vida de Marx podem ser detectadas duas etapas humanistas.

A *primeira etapa* está dominada por um humanismo racionalista-liberal, mais próximo de Kant e de Fichte do que de Hegel. Quando Marx, por exemplo, nesta etapa combate a censura, as leis feudais da Renânia e o despotismo da Prússia, fundamenta teoricamente o seu combate político e a teoria da história que lhe serve de base numa filosofia do homem. Segundo isto, a história só é inteligível através da essência do homem que é liberdade e razão. A liberdade, segundo Marx, "constitui de tal modo a essência do homem que mesmo seus adversários a põem em prática ao combater-lhe a realidade... A liberdade sempre existiu, quer como privilégio particular, quer como direito geral".<sup>1</sup> Esta distinção esclarece, para Marx, toda a história: assim o feudalismo é liberdade, mas na forma "não-racional" do privilégio; o Estado moderno é liberdade, mas na forma racional do direito universal.

A *segunda etapa* humanista de Marx está dominada por uma nova forma de humanismo: uma espécie de cópia do "humanismo comunitário" de Feuerbach. Em relação a este humanismo ele explica que o estado-razão permaneceu surdo à razão: o Estado prussiano não se reformou racionalmente, de liberal tornou-se despótico. Desta situação Marx tira a seguinte conclusão: "... o Estado político... encerra precisamente nas suas formas modernas as exigências da razão. Não se detém aí. Por toda parte pressupõe a razão realizada. Mas igualmente por toda parte cai na contradição entre a sua definição teórica e as suas hipóteses reais".<sup>2</sup> Por ali se vê que Marx concebe os abusos do Estado como con-

---

1. Cf. RHEINISCHE ZEITUNG, *A liberdade de Imprensa*, maio de 1842.

2. Cf. LOUIS ALTHUSSER, *A Polêmica sobre o Humanismo*, Lisboa 1967, p. 17.

tradição real entre a sua essência, que deveria ser atitude racional, e a sua existência, que de fato se caracteriza pela não-razão.

Nem mesmo na sua atitude revolucionária Marx deixou de professar uma filosofia do homem. Afirma: "Ser radical é tomar as coisas na sua raiz; ora, para o homem, a raiz é o próprio homem...".<sup>3</sup> O maior capital do homem é o próprio homem. E este homem é liberdade-razão porque é "ser comunitário" (*Gemeinwesen*). Um ser que apenas se realiza teórica e praticamente nas relações humanas universais, tanto com os homens como com os seus objetivos. Por isso, a revolução que Marx propõe não será apenas política, mas "humana", libertando o homem de suas alienações não-rationais.

Ao falar da idéia "homem" e "humanismo", Marx se refere ao princípio oculto de todos os humanismos, que é a superação do que existe de "desumano" e a construção dum ambiente "humano". Aparece assim dois elementos fundamentais para o humanismo marxista: a recusa e a construção. Recusa de todas as discriminações humanas, sejam elas raciais, políticas, religiosas ou de qualquer outra categoria. Recusa de toda exploração econômica e servidão política.

A *recusa* teria como consequência prática a edificação de novos relacionamentos sociais e comunitários, onde o desumano é superado pelo humano. Onde o homem é o verdadeiro capital do homem. Estas colocações despertam em Marx o desejo de edificar um "humanismo real", baseado nas verdadeiras necessidades do homem, i. é, do homem concreto, assim como ele existe no seu mundo, na sociedade. Tal "humanismo real", pretendido por Marx, se define por sua oposição ao humanismo não-real, ao humanismo idealista, abstrato, ilusório, especulativo, filosófico, Renascentista.

Aqui se denota evidentemente um ponto irreconciliável de conflito entre o "humanismo-real" e outros tipos de humanismos mais filosóficos.

Penso ser aqui importante uma observação. Qualquer que seja a nossa atitude perante o marxismo, é de suma importância conscientizarmo-nos do potencial humanístico dessa filosofia. O jovem Marx fala em homem, humanidade, alienação, libertação e promoção do homem. Quando adulto, é verdade, evita o palavreado e as frases humanísticas, mas a sua intenção primordial de promover o homem permanece, pois no seu "Capital" quer que os relacionamentos desumanos da sociedade capitalista se tornem

---

3. MARX, *Crítica de la Filosofía del Derecho de Hegel*. Introdução, em: Marx e Engels, *La Sagrada Família*, p. 10.

realmente humanos. Não tolera sociedades onde grandes massas são vilipendiadas, desprezadas, reduzidas à miséria e exploradas, onde o valor máximo são os produtos e o dinheiro, e o motor do comércio o lucro, ou os interesses e as vantagens próprias. Marx quer uma sociedade, onde cada homem realmente seja homem, um ser com possibilidades de realizar as suas capacidades em liberdade, dignidade e autonomamente. O que, uma vez realizado, seria o fim da exploração do homem pelo homem e a humanização dos relacionamentos e das estruturas da sociedade.

Estas, naturalmente, são idéias carregadas de ideologia. Por isso mesmo sofrem a oposição violenta de outras ideologias humanísticas. A recusa do marxismo é indiscutivelmente um dos elementos-chave no debate humanístico contemporâneo. Esta recusa parte do pressuposto de que o marxismo, levado à sua prática social, implica sempre no aniquilamento da pessoa frente ao monstro estatal. O conceito de pessoa torna-se assim o centro do debate. Pergunta-se a que preço se processaria a socialização. Costuma-se responder: ao preço de um homem despojado de sua liberdade, de sua dignidade; dum homem condicionado, dum homem-massa, incapaz de ação original, incapaz de transcendência, porque o socialismo mutilaria a sua personalidade.

Nesta rejeição do "humanismo marxista" coloca-se novamente a pergunta conflitante pelo significado da libertação e da dignidade humana. Vejamos como esta libertação e esta dignidade são consideradas no Existencialismo sartriano.

## 6. *O Humanismo Existencialista de Sartre*

Sartre numa de suas conferências mostra que "O Existencialismo é um Humanismo".<sup>4</sup> Nisto ele tem razão, pois tanto o Existencialismo como o Humanismo enfocam o homem como a fonte e o centro dos valores: o homem faz-se a si mesmo. Sartre, contudo, não admite um humanismo estreito que faz do indivíduo humano o valor último de todas as preocupações, e diz: "O existencialismo jamais considerará o homem como um fim porque ele está em contínua formação".<sup>5</sup> Este contínuo crescimento mostra que o homem é mais do que a sua existência presente, ele se encontra num "estado constante de superação de si mesmo". A busca de metas transcendentais e a intersubjetividade com outros homens impedem que ele se feche em si mesmo.

---

4. Cf. JEAN-PAUL SARTRE — VERGÍLIO FERREIRA, *O Existencialismo é um Humanismo*, Lisboa, 1964, p. 233ss.

5. Cf. *ibidem*, p. 293.

Muitas vezes o Existencialismo é considerado uma doutrina sombria da angústia, do desamparo e do desespero, que ignora os lados belos da vida, acentuando a ignomínia, o sórdido, o equívoco, o viscoso da existência.

De fato, o humanismo existencialista fala amiúde no absurdo, na contingência, na ansiedade e no desespero do ser humano num mundo em que só ele é responsável por seu devir. Mas inclui também o postulado humanista de que o homem dispõe de um grande potencial para transformar-se e de um irreprimível impulso para experimentar a sua plena realização. O próprio Sartre diz: que "o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo homem no domínio do que ele é e de atribuir-lhe total responsabilidade na sua existência". Não significando isto que ele apenas é responsável por sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens.

A partir destas colocações existencialistas, Sartre explica porque o ser humano se encontra em angústia, desamparo e desespero. Vive em angústia porque possui um compromisso para com toda a humanidade. Vive na ansiedade porque sente a sua total responsabilidade perante a vida.

Vive desamparado porque Deus não existe. Neste mundo totalmente humano o homem não encontra nem em si, nem fora de si um ponto de apoio a que se apegar. Num tal mundo, de fato, tudo é permitido. E diante desta permissividade absoluta só o homem é responsável por aquilo que faz.

Vive em desespero porque só pode contar com aquilo que depende de sua vontade, ou com o conjunto de probabilidades que tornam a sua ação possível.

Neste mundo da angústia, do desamparo e do desespero o homem é totalmente responsável por sua realização. É livre para tentá-la. Se não a conseguir é porque não se empenhou suficientemente para atingi-la. O homem permanece só e sem desculpas, pois não é nada mais do que a sua vida. Quem é covarde é totalmente responsável por essa covardia.

Para Sartre a palavra "humanismo" possui dois sentidos. Sartre explica que por "humanismo" se pode entender uma teoria que toma o homem como um fim e como um valor supremo. Para ele, um tal humanismo é absurdo, pois o homem está continuamente por fazer-se. Por isso não existe uma humanidade à qual se possa render culto, como o fez Augusto Comte. Todo culto à humanidade, diz Sartre, conduz a um humanismo fechado em si mesmo e ao fascismo. E com tal humanismo Sartre nada quer.

Mas para Sartre existe um outro sentido para o humanismo. Segundo esta perspectiva humanística verdadeira, o homem está constantemente na procura duma projeção para fora de si mesmo. Esta procura de fins transcendentais a si mesmo torna o seu existir possível. Esta presença do homem num universo humano Sartre chama de humanismo existencialista. Humanismo, porque recorda ao homem que não existe outro legislador na terra além dele próprio, e que é no abandono que ele deverá decidir sobre si mesmo. Mas este decidir sobre si só realizará o ser humano, e o libertará, se ele procurar fora de si uma finalidade para o seu existir.

As perspectivas humanísticas do Existencialismo certamente são diferentes das perspectivas do Marxismo. O marxismo avalia e valoriza o homem a partir de sua contribuição para o social, enquanto que o existencialismo avalia e valoriza o homem na medida em que se realiza como indivíduo, que livre e responsável enfrenta sozinho a vida. Tais colocações, certamente, são conflitantes. Num o homem será salvo na sociedade e pela sociedade, noutra o indivíduo cuidará de sua auto-redenção, portanto neste acentua-se o individualismo, enquanto que naquele o socialismo.

Vejamos ainda rapidamente um outro tipo de humanismo, muito atual, que pretende ser a solução para os conflitos humanísticos. Poderíamos chamá-lo de: humanismo tecnológico e científico.

## 7. *Humanismo Tecnológico e Científico*

O humanismo tecnológico e científico quer ser pragmático e realista. Como fundamento possui por um lado uma filosofia da práxis, por outro quer superar a pura práxis transpondo as suas proposições para uma área metafísica. Na parte pragmática corresponde àquilo que Marx dizia da realidade: "Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diversos modos; o que importa, porém, é transformá-lo".<sup>6</sup> Diante desta mesma filosofia da práxis, Nietzsche se entusiasma com sua metafísica vitalista, dizendo: "Odeio tudo o que apenas me instrui, sem aumentar a minha atividade ou que não me consegue vivificar imediatamente". Por isso ele luta contra todos aqueles que apenas se deleitam em passear "nos jardins da sabedoria".

Na verdade, o impulso dado pela filosofia da ação estimula continuamente povos e grupos humanos a não aceitarem pura e simplesmente realidades sociais e políticas, mas a transformá-las,

---

6. Cf. Marx a respeito de Feuerbach.

numa arrancada revolucionária, em vista dum mundo mais digno do homem.

Imbuídos deste espírito prático, os tecnocratas e os cientistas imaginam a possibilidade dum novo humanismo técnico e científico, fundamentado no "diálogo metafísico". Quem muito bem retratou o conteúdo e a intenção deste "humanismo" foi *Ugo Spirito*.<sup>7</sup> Em *Spirito* encontramos também um palavreado que nos apresenta muito bem em que relação se encontram atualmente os humanismos, as ideologias e a metafísica. Em relação ao humanismo tecnológico e científico ele diz, em resumo, o seguinte: "Um novo e profundo humanismo está às portas. Os seus frutos já estão próximos. Ideologias, política, religiões e as diferentes filosofias, separaram até agora os homens, opondo uns aos outros. A ciência e a técnica, pelo contrário, por toda parte promovem a união e o entendimento. Como poderíamos negar este fato e suas conseqüências para o futuro? A ciência e a técnica oferecem cada vez maiores garantias para uma comunidade humana eficiente na realização de seus ideais. Já nos é possível imaginar aquela forma superior de humanidade, que está representada em todo mundo pela união internacional da ciência e dos cientistas. Inicia-se assim um diálogo, que pode ser continuado para além de todas as fronteiras políticas, raciais e religiosas. Os cientistas vivem num ambiente superior, onde os sentimentos de ódio morrem, e onde os interesses se confirmam na verdade e na práxis. Está na hora para que os cientistas adquiram uma consciência maior de sua superioridade espiritual e de sua autonomia, não se sujeitando a um humanismo orgulhoso e unilateral".<sup>8</sup>

O que dizer desta proposta humanística de Ugo Spirito?

Certamente a consciência humana atual está longe da segurança que Spirito espera do humanismo tecnológico e científico. Aos poucos a humanidade está descobrindo que a ciência e a técnica não trazem as soluções humanísticas esperadas. Isto principalmente porque a ciência e a técnica estão sendo cada vez mais controladas pelos tecnocratas. Em vez de harmonia e equilíbrio trazem desarmonia e desequilíbrio, pois a tecnocracia é fria e pode tornar-se tremendamente desumana. É de notar que a ciência e a técnica por sua natureza são equívocas. Por isso mesmo o mito da confiança cega no poder da ciência e da técnica para a solução dos problemas humanos, aos poucos, está desmoronando, e está-se novamente à procura dum humanismo que pesquisa e se baseia na essência humana. Esta não é apenas a tendência entre os filósofos

---

7. Cf. UGO SPIRITO, *Nuovo Umanesimo*, Roma, Armando, 1964.

8. Cf. *ibidem*, p. 39s.

espiritualistas, mas também na sociologia se manifesta esta tendência (ex.: McLuhan). Gilberto Freyre, numa entrevista à Revista Visão (19/4/76, p. 74), dizia: "Acredito em técnicas mas não em tecnocratas... O tecnocrata investido de funções de decisão política me parece um erro, porque a decisão política pede, a meu ver, certas qualidades inclusive de intuição e não apenas de conhecimento científico. O tecnocrata segue linhas demasiadamente retas e as decisões políticas exigem linhas curvas e até ziguezues, para corresponderem à natureza humana e à índole de cada povo".

O certo é que a técnica envolve e determina a vida da humanidade atual. Não há como fugir. A propaganda, os meios de comunicação, o bem-estar material são frutos da técnica. O nosso mundo é o mundo da técnica. Esta realidade é um valor para o homem, mas se encontra de certa forma em conflito com os valores humanísticos porque situa o homem em segundo plano.

Segundo a tendência humanística da civilização tecnológica verificamos que hoje os homens correspondem menos aos ideais humanísticos do passado do que antigamente. Em vez de diminuir as diferenças entre os homens e aumentarem a liberdade, aumentam estas diferenças em todos os níveis e diminuem a liberdade. E enquanto isto acontecer, os engajamentos políticos e as filosofias humanísticas sempre se encontrarão em conflito.

Nesta situação conflitante, será que não há perspectivas para um crescimento humanístico da humanidade?

## CONCLUSÃO

O pensamento humanístico não é algo estático, ele desperta aos poucos na consciência da humanidade. O confronto dos diversos humanismos incentiva o crescer da consciência humanística e a pode purificar. Foi uma luta árdua chegar à consciência de que existe uma dignidade humana que em qualquer circunstância deve ser respeitada. Ainda no século passado os liberais chamavam de "lirismo humanístico" a tentativa de atribuir iguais direitos a todos os homens. Em relação a isto a idéia humanística já progrediu um pouco e sabemos que a dignidade e a liberdade humana só têm chances de serem respeitadas lá onde os homens podem concorrer com os mesmos direitos.

Apesar das idéias conflitantes, todos os humanismos querem a libertação do homem, para que assuma a dignidade que é própria de sua natureza. Este fato é auspicioso. Apesar de todos os humanismos estarem incentivados por um mesmo espírito dialé-

tico que simultaneamente significa: conflito e drama, luta e insegurança, e em que a verdade se torna um compromisso entre várias verdades, contudo existem chances para um verdadeiro humanismo, onde se conjuga a filosofia com a realidade. Para que ele se concretize é preciso situar novamente o homem no centro da realidade e fazê-lo meditar e cuidar para que seja humano e não desumano, isto é, situado fora de sua essência. Temos a esperança de que isto aconteça e que os homens continuem desejando ser mais humanos.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- AUGUSTE ETCHEVERRY, S. J., *O Conflito Actual dos Humanismos*, Liv. Tavares Martins, Porto, 1958.
- C. I. GOULIANE, *A Problemática do Homem* — Ensaio de uma Antropologia Filosófica, Ed. Paz e Terra, R.J., 1969.
- HANS KÜNG, *Christ sein*, Piper-Verlag, Munique, 1974.
- HECTOR P. AGOSTI, *Condições atuais do Humanismo*, Ed. Paz e Terra, R.J., 1970.
- HEINRICH ROMBACH, (ed.), *Die Frage nach dem Menschen (Festschr. für Max Müller zum 60). Geburtstag*, K. Alber-Verlag, München, 1966.
- HUMANISMO PLURIDIMENSIONAL — Atas da Primeira Semana Internacional de Filosofia 1/2, Ed. Loyola, SP., 1974.
- JEAN-PAUL SARTRE — VERGÍLIO FERREIRA, *O Existencialismo é um Humanismo*, Ed. Presença, Lisboa.
- JOÃO DE SCANTIMBURGO, *A Extensão Humana* — Introdução à Filosofia da Técnica, Ed. Nacional, SP., 1970.
- JÜRGEN MOLTSMANN, *Mensch*, Kreuz-Verlag, Stuttgart, 1971.
- KONRAD LORENZ, *Civilização e Pecado* — os oito erros capitais do homem moderno, Ed. Artenova S. A., R.J., 1973.
- LOUIS ALTHUSSER, e outros, *Polêmica sobre o Humanismo*, Ed. Presença, Lisboa, 1967.
- MANUEL CABADA, *El Humanismo Premarxista de L. Feuerbach*, BAC, Madrid, 1975.
- M. HEIDEGGER, *Platons Lehre von der Wahrheit, mit einen Brief über den Humanismus*, Berna-Francke, 1947.
- M. HEIDEGGER, *Sobre o Humanismo*, trad. de Ernildo Stein, vol. XLV da coleção "Os Pensadores", SP., Abril S.A., 1973.
- MENSCHLICHE EXISTENZ UND MODERNE WELT — Ein internationale Symposium zum Selbstverständnis des heutigen Menschen, Teil I/II, W. Gruyter & Co., Berlin, 1967.
- MICHAEL HARRINGTON, *A Revolução Tecnológica e a Decadência Contemporânea*, Civ. Brasileira, R.J., 1973.
- MICHEL BERGMANN, *Cristianismo e Civilização Tecnológica*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1969.
- NORBERT WIENER, *The Human Use of Human Beings*, Boston: Houghton Mifflin, 1950.
- PEDRO DALLE NOGARE, *Humanismos e Anti-humanismos em Conflito*, Herder, SP., 1973.
- SEM DRESDEN, *O Humanismo no Renascimento*, Bibl. Univ. Inova, Lisboa, 1968.
- THOMAS C. GREENING, *Psicologia Existencial-Humanista*, Zahar ed., R.J., 1975.
- UGO SPIRITO, *Nuovo Umanesimo*, Roma, Armando, 1964 .